



## MUSEU DA PESSOA NA ESCOLA: UMA EXPERIÊNCIA DO SUBPROJETO DE HISTÓRIA DO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA EM NOVA ANDRADINA/MS

### PEOPLE'S MUSEUM AT SCHOOL: AN EXPERIENCE OF THE HISTORY SUBPROJECT OF THE PEDAGOGICAL RESIDENCE PROGRAM IN NOVA ANDRADINA/MS

Dulceli de Lourdes Tonet Estacheski<sup>1</sup>  
Maria Ivone Defaveri do Carmo Araújo<sup>2</sup>

#### RESUMO

Este texto apresenta o relato da experiência do subprojeto de História do CPNA/UFMS do Programa Residência Pedagógica que implantou o Núcleo Museu da Pessoa na Escola Estadual Fátima Gaiotto Sampaio. Tendo como referencial teórico-metodológico autores e autoras como Jörn Rüsen, Isabel Barca e Maria Auxiliadora Schmidt. Foram desenvolvidas atividades na escola, visando a produção de narrativas sobre os sentidos da escola para diferentes sujeitos. Constatamos a importância da escola nas diferentes trajetórias de vida e compreendemos que ela é um espaço privilegiado para a construção do conhecimento, mas também de acolhimento, de acesso à cultura, aos esportes e às tecnologias.

**Palavras-chave:** narrativas históricas; comunidade escolar; trajetórias de vida.

#### ABSTRACT

This text presents the report of the experience of the History subproject of the CPNA/UFMS of the Pedagogical Residency Program that implanted the Museum of de person center at Escola Estadual Fátima Gaiotto Sampaio. Based on authors such as Jörn Rüsen, Isabel Barca and Maria Auxiliadora Schmidt as a theoretical-methodological reference, activities were developed at the school aiming at the

<sup>1</sup>Doutora em História. Professora Adjunta do curso de História da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Nova Andradina. Mato Grosso do Sul. Brasil. E-mail: dulceli.estacheski@ufms.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4059-5606>.

<sup>2</sup>Graduada em História. Professora do Estado de Mato Grosso do Sul. Nova Andradina. Mato Grosso do Sul. Brasil. E-mail: ivonedefaveri1@hotmail.com.

production of narratives about the meanings of school for different subjects. We note the importance of the school in different life trajectories and we understand that it is a privileged space for the construction of knowledge, but also for reception, access to culture, sports and technologies.

**Keywords:** historical narratives; school community; life trajectories.

**Resumo Expandido recebido em:** 31/01/2024

**Resumo Expandido aprovado em:** 17/03/2025

**Resumo Expandido publicado em:** 19/03/2025

Doi: <https://doi.org/10.24302/redes.v2ianais.5234>

## 1 INTRODUÇÃO

No período de outubro de 2020 a março de 2022, desenvolvemos na Escola Estadual Fátima Gaiotto Sampaio da cidade de Nova Andradina/MS as atividades do Subprojeto de História do campus da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, do Programa Residência Pedagógica que integra a Política Nacional de Formação de Professores/as. Entre as atividades, implementamos o Museu da Pessoa na Escola, experiência que será aqui relatada.

Fundado em 1991, o Museu da Pessoa é um museu virtual (<https://museudapessoa.org>) que reúne um acervo de trajetórias de vida e desenvolve diferentes projetos, entre eles está o de criação de núcleos do Museu da Pessoa e no ano de 2021 a escola, onde atuávamos com o Programa Residência Pedagógica, foi selecionada para o desenvolvimento dessa atividade. Considerando que vivenciávamos o período de ensino remoto devido às medidas de biossegurança devido à pandemia do COVID-19, a proposta nos pareceu viável para o encaminhamento das atividades que, a partir de então, seriam desenvolvidas com o Ensino Médio, já que poderiam ser desenvolvidas sem aglomerações e, em boa parte, de maneira remota.

Apresentamos aqui nossa experiência com a criação do Núcleo Museu da Pessoa na Escola que consistiu na escolha, por parte de estudantes do ensino médio de pessoas da comunidade escolar a serem entrevistadas, na gravação e transcrição das entrevistas, na elaboração de livretos com as histórias de vida a serem disponibilizados na biblioteca da escola e na produção de um mini documentário. O

objetivo central do projeto é a valorização dos sujeitos que compõem a comunidade escolar e de suas experiências. Esta perspectiva importa, no sentido de que se configura numa motivação para o desenvolvimento social na percepção de si e do/a outro/a como agentes da história, da educação.

Primeiramente descrevemos as atividades desenvolvidas e depois analisamos as narrativas das pessoas entrevistadas e dos/as estudantes do Ensino Médio, considerando a relevância da educação e da Escola Estadual Professora Fátima Gaiotto Sampaio em suas trajetórias de vida. Por fim, traçamos nossas considerações relativas à significância dessa experiência para a orientadora, a preceptora e os/as residentes do projeto.

## 2 MATERIAIS E MÉTODOS

A primeira etapa consistiu na participação em um curso à distância ministrado pela equipe de Multiplicação do Museu da Pessoa. Em sete módulos, orientadora, preceptora e uma residente do Programa Residência Pedagógica, aprendemos sobre a Tecnologia Social da Memória e recebemos orientações sobre o Plano de Criação do Núcleo Museu da Pessoa na Escola. Após cada módulo, repassávamos as informações aos demais membros do programa e estudantes do ensino médio em reuniões remotas via Google Meet.

A Tecnologia Social da Memória é definida como “práticas, conceitos e princípios essenciais para que públicos diferenciados, com objetivos diversos, possam se apropriar da metodologia de registro e produção de narrativas históricas” (Museu da Pessoa, 2009, p. 12). Trata-se de um processo que passa por diferentes etapas para a elaboração do sentido na construção e registro das histórias, em sua organização e posterior socialização.

Esta perspectiva corroborou com o que já vínhamos refletindo desde os encontros iniciais do projeto de História do Programa Residência Pedagógica, quando nos ocupamos da formação teórico-metodológica e nos pautamos nas concepções de Jörn Rüsen (2010b), Maria Auxiliadora Schmidt (2011), Isabel Barca (2011) e Marlene Cainelli (2009) que abordam a narrativa histórica como elemento fundamental para o desenvolvimento da consciência histórica. Jörn Rüsen (1994 *apud* Rüsen, 2010a, p.

43) argumenta que “O aprendizado histórico pode, portanto, ser compreendido como um processo mental de construção de sentido sobre a experiência do tempo através da narrativa histórica, na qual as competências para tal narrativa surgem e se desenvolvem.”

Para além das reflexões teóricas, a equipe do curso solicitava o desenvolvimento de algumas atividades práticas na escola, como a roda de Histórias que desenvolvemos com estudantes do ensino médio via google meet. Cada participante contava um pouco sobre sua trajetória de vida até chegar na escola, mais precisamente, naquele momento de diálogo na roda de histórias. A atividade proporcionou uma experiência significativa para o conhecimento das histórias e das realidades vividas por cada um/a.

Na sequência, foi necessária a escolha de um tema para o Núcleo Museu da Pessoa na Escola e de maneira coletiva definimos que seria: ‘Sujeitos da Escola’. Em posse de um roteiro de entrevista que foi disponibilizado pela equipe do Museu da Pessoa e que foi analisado e adaptado para a proposta definida pelo nosso grupo, foram selecionadas cinco pessoas que exercem ou exerceram diferentes funções na escola: a primeira diretora da escola, o então diretor, o inspetor escolar, uma funcionária que trabalha na limpeza da escola e uma professora. O intuito dessa escolha foi demonstrar que todas as pessoas da comunidade escolar são importantes na trajetória histórica da escola.

Respeitando os protocolos de biossegurança, como distanciamento, uso de máscaras e álcool gel, realizamos as entrevistas, que foram gravadas em áudio e vídeo e depois foram transcritas. As transcrições foram diagramadas em formato de livretos que passaram a fazer parte do acervo da biblioteca escolar, ficando disponíveis para leitura. Importante ressaltar que tivemos o cuidado de seguir os procedimentos adequados para esta atividade, elaborando os Termos de Consentimento Livres e Esclarecidos para o uso das informações e das imagens obtidas durante as entrevistas.

Em parceria com a professora de Arte da escola foi elaborado um painel em uma das paredes da biblioteca contendo as imagens das pessoas entrevistadas e frases que foram selecionadas das entrevistas e que foram significativas para os/as participantes do projeto, como a frase do Sr. José, inspetor: “As pessoas me respeitam

mais, por isso percebo o valor que tem o estudo” ou da professora Marciana: “Foi na escola que eu vi que poderia mudar minha vida”.

Para o curta-metragem ‘Sujeitos da Escola: Núcleo Museu da Pessoa na Escola foram selecionados trechos das entrevistas realizadas. O vídeo foi editado e posteriormente exibido na escola para estudantes do Ensino Médio, quando as atividades presenciais puderam ser retomadas. Para a exibição foram convidadas as pessoas entrevistadas e membros da Secretaria de Educação que ressaltaram a relevância das atividades desenvolvidas para a valorização da escola como espaço de conhecimento, de sociabilidade, de desenvolvimento humano a partir das trajetórias de vida narradas.

Por fim, como as aulas presenciais foram retomadas, desenvolvemos com as turmas do Ensino Médio a atividade de Linha do Tempo Coletiva que também foi proposta pela equipe do Museu da Pessoa. Foi entregue um questionário para cada aluno/a responder, sem a necessidade de identificar-se, visando maior liberdade para apresentar as respostas às perguntas: 1) O que a escola significa para você? E 2) Cite algo da escola que te marcou: uma atividade desenvolvida, uma ou mais pessoas, um conteúdo que aprendeu. Ao final, algumas respostas foram socializadas provocando um diálogo sobre o sentido da escola e da educação para estudantes.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A experiência por nós vivenciada nos fez perceber que a Escola, espaço da diversidade, onde se encontram diferentes sujeitos, culturas, tradições e experiências de vida, contribui para a constituição das subjetividades humanas. Como bem argumenta Maria Auxiliadora Schmidt (2011), ao tratar do conceito de cultura, central na teoria da consciência histórica de Jörn Rüsen e na teoria da consciência crítica de Paulo Freire, somos produtos culturais, mas somos também produtores/as de cultura. Quando vamos para a Escola, levamos nossa cultura histórica e lá encontramos as culturas históricas de outras pessoas e desse encontro surgem novas experiências e novas expectativas de mundo.

Para Jörn Rüsen (2015, p. 21) a “diferença não é mais uma questão de distância, mas de proximidade” e quando compreendemos isso, não pela perspectiva

do confronto, mas sim do encontro cultural, percebemo-nos como capazes de produzir novas compreensões de mundo e de nós mesmos/as.

Entrevistamos cinco pessoas para o projeto que são diferentes em termos de gênero, sendo dois homens e três mulheres, de classe, pois possuem rendas familiares diferentes, de raça/etnia, de geração, de território, já que algumas vieram para Nova Andradina de outros municípios e algumas de áreas rurais da região. Seus relatos nos permitiram refletir sobre questões sociais relevantes como as construções sociais de gênero, entendido como uma das formas de dar significado às relações de poder (Scott, 1995).

Aparecida, funcionária da limpeza escolar, por exemplo, em resposta ao que queria ser quando crescesse disse que “queria estudar, mas minha mãe não deixou, aí eu não estudei”. Conseguiu concluir o Ensino Médio, mas passou a trabalhar em uma fábrica para sustentar a família até que passou em concurso do Estado para funcionária da escola. Ela narrou as dificuldades vividas e a naturalização da educação das mulheres para o casamento e a maternidade. Mesmo assim, ela vê a escola positivamente em sua vida e, ao ser questionada sobre algo significativo em sua trajetória na escola, afirmou que entre as alegrias de integrar a escola está o sentimento de fazer parte de muitas trajetórias de vida, de pessoas que compõem a comunidade escolar.

As narrativas de Marciana, professora, e de Mituko, primeira diretora da escola, contribuem para essa reflexão relativa às questões de gênero. Para poder concluir o curso de Magistério, Marciana se casou bem jovem, pois sua família era de uma região rural e somente com o casamento poderia ir morar na cidade e estudar. Já Mituko afirmou que saía escondido para estudar, pois seu irmão mais velho “dizia que a mulher não precisava estudar sabendo ler e escrever estava bom.”

As narrativas dos homens entrevistados são diferentes. José apresentou as dificuldades que enfrentou quando criança para estudar na Escolinha Rural de turmas multisseriadas e com o transporte precário para deslocamento posterior até a escola da área urbana, onde passou a estudar; no entanto, não revelou nenhum impeditivo para estudar por ser menino. Já Abmael, que cresceu em área urbana e residia perto da escola teve sua trajetória escolar de forma contínua, da educação básica à universidade, com motivação e apoio para os estudos por parte da família.

As mulheres entrevistadas, mesmo pertencendo a diferentes gerações, narraram dificuldades semelhantes para dar continuidade aos seus estudos, o que nos revela um problema estrutural nas relações de gênero. Mesmo que a escola pública seja aberta a todas as pessoas, nem todas têm as mesmas oportunidades e condições para permanecer estudando. Meninas e mulheres, ainda têm suas trajetórias escolares marcadas por dificuldades e interrupções que não atingem da mesma maneira os meninos e os homens. A gravidez é um dos elementos da interrupção dos estudos, mas o cuidado das crianças, os afazeres da casa, o cuidado de pessoas idosas ou doentes ainda recai, majoritariamente sobre elas.

Um elemento comum percebido em todas as entrevistas foi o afeto demonstrado pela escola onde trabalham/trabalharam. A professora argumentou que nela, cresceu e aprendeu muito, tanto pessoal como profissionalmente e a primeira diretora, que acompanhou a trajetória da escola desde a construção, afirma que tudo é lembrado com carinho, pois “Essa escola é tudo para mim.” O então diretor declarou que a escola “É minha casa, eu conheço todos os lugares, todos os passos” e afirmando que “Aqui é o meu lugar” evidencia um sentimento de pertencimento ao espaço e à comunidade escolar.

Para o inspetor é significativo fazer parte da vida de todas as pessoas da escola. Ele declara alegrar-se ao ser reconhecido nas ruas por pessoas que foram estudantes ali. Fazer parte da escola e nela atuar, constitui as subjetividades dessas pessoas ao mesmo tempo em que a escola se constitui pela presença e atuação delas.

Em relação à atividade que desenvolvemos com os/as estudantes do Ensino Médio, ela nos permitiu refletir sobre o sentido da escola para adolescentes e jovens. As narrativas escritas foram sucintas, limitando-se a poucas palavras. Alguns/mas deixaram questões em branco por serem recém ingressos/as na escola, ou seja, não tinham memórias dessa escola para narrar e não compreenderam que poderiam escrever sobre experiências em outras escolas, mesmo assim, revelaram questões importantes sobre a escola.

Para a maioria, a escola é entendida como um lugar “para aprender coisas novas” revelando que, apesar da internet ser entendida hoje como principal meio para a divulgação do conhecimento, a escola não perdeu essa função. É preciso

reconhecer que desigualdades sociais impedem o acesso equitativo às tecnologias digitais e que, embora com acesso a elas, obter informações sobre várias coisas não significa aprender efetivamente sobre elas. A internet apresenta conteúdos, mas a escola promove a produção do conhecimento.

Uma das perspectivas mais significativas das narrativas de estudantes aponta a escola como um lugar que cria expectativas de futuro, um lugar de sonhar e de esperar, o que nos remete ao pensamento de Paulo Freire de que “Não há mudança sem sonho como não há sonho sem esperança” (Freire, 1992, p. 47).

Na escola é que muitos/as tiveram acesso aos esportes e às artes. Essas atividades foram apontadas por grande parte como sendo as mais significativas. Ressaltamos o papel fundamental da escola pública que, por vezes, é o único local onde estudantes têm acesso aos esportes, às artes e às tecnologias. Outras atividades indicadas como significativas foram aquelas que remetem a experiências práticas, seja no laboratório de Química, na horta escolar ou em exposições temáticas que ajudaram a organizar. Sobre isso salientamos que o aprendizado significativo é proporcionado pela experiência efetiva, pela produção coletiva do conhecimento.

A escola é também entendida como lugar de sociabilidade, o que foi percebido em afirmações como: “meu segundo lar”, “minha família”, “um refúgio”. Para uma estudante de 15 anos ir para a escola é “uma maneira de sair um pouco da minha vida” e para outra, de 17 anos, “a escola, às vezes, é meu ponto de paz”. Tais afirmativas revelam dilemas sociais vivenciados por estudantes e ao mesmo tempo impulsionam a pensar que a escola precisa ser lugar de acolhimento humanizado, de segurança, que trate de temas e questões sociais que contribuam para a construção de novas perspectivas de futuro.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A experiência de ouvir as narrativas de pessoas que fazem parte da comunidade escolar nos permitiu perceber o quanto a escola é viva e se constitui nas relações humanas. Trata-se de um espaço de sociabilidade que contribui com a autoestima de funcionários/as que se orgulham ao serem reconhecidos/as nas ruas da cidade; que motiva docentes e gestores/as com o sucesso de alunos/as e ex-

alunos/as; que é acolhimento para estudantes que sofrem com questões sociais como a fome, as violências, a falta de recursos e os/as estimula a irem além, experimentando esportes e artes, vislumbrando um futuro melhor.

Todas as pessoas entrevistadas, de uma maneira ou de outra, destacaram o quanto a escola foi e é significativa em suas trajetórias de vidas e como as experiências nela vivenciadas influi em suas subjetividades. Nas atividades com estudantes do Ensino Médio, entendemos que a escola se constitui em um refúgio diante das dificuldades do mundo e representa uma esperança de um futuro melhor. Percebemos que o aprendizado mais significativo é aquele que envolve efetivamente, que move a produzir saberes, conhecimentos e não apenas a receber conteúdos prontos de forma passiva.

## REFERÊNCIAS

BARCA, Isabel. O papel da educação histórica no desenvolvimento social. *In*: CAINELLI, Marlene; SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **Educação histórica**: teoria e pesquisa. Ijuí: UNIJUÍ, 2011.

BESSIN, Marc. Política da presença: as questões temporais e sexuadas do cuidado. *In*: ABREU, Alice Rangel Paiva et al. (Orgs.). **Gênero e trabalho no Brasil e na França**: perspectivas interseccionais. São Paulo: Boitempo, 2016.

CAINELLI, Marlene. Educação histórica: o desafio de ensinar história no ensino fundamental. *In*: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel (Orgs.). **Aprender história**: perspectivas da educação histórica. Ijuí: Ed. Unijuí, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

MUSEU DA PESSOA. **Tecnologia Social da Memória**: Para comunidades, Movimentos Sociais e Instituições Registrarem suas Histórias. Fundação Banco do Brasil/Abravídeo, 2009.

RÜSEN, Jörn. Aprendizado Histórico. SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende. **Jörn Rüsen e o ensino de História**. Curitiba: UFPR, 2010a.

RÜSEN, Jörn. O desenvolvimento da competência narrativa na aprendizagem histórica: uma hipótese ontogenética relativa à consciência moral. SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende. **Jörn Rüsen e o ensino de História**. Curitiba: UFPR, 2010b.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. A cultura como referência para investigação histórica. BARCA, Isabel. **Educação e consciência histórica na era da globalização**. Braga: Universidade do Minho, 2011.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5-22, jul./dez. 1995.